

CADERNOS
PROARQ 37 v.1

TATIANA CASALI RIBEIRO, FREDERICO BRAIDA E ANTONIO COLCHETE FILHO

Manifestações sígnicas no espaço da cidade: Juiz de Fora e a sua imaginária urbana

Signal manifestations in the city space: Juiz de Fora and its urban imagery

Tatiana Casali Ribeiro

Mestranda em Ambiente Construído pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, é especialista em Gestão de Projetos (2014) pela UFJF e Graduada em Turismo (2010) pela mesma instituição. Atuou na área de cenografia da empresa Rede Globo de Televisão - Matriz/RJ, na produção de cenários cenográficos para a teledramaturgia da emissora.

Master's Student in Built Environment from the Federal University of Juiz de Fora - UFJF, graduated in Architecture and Urbanism from the Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ, is a specialist in Project Management (2014) from UFJF and Graduated in Tourism (2010) from the same institution. She worked in the scenography area of the company Rede Globo de Televisão-Matriz / RJ, in the production of scenographic scenarios for the broadcaster's teledramaturgy.

taticasali@yahoo.com.br

Frederico Braida

Graduado em Arquitetura e Urbanismo (2005) e especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte (2015) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Docência no Ensino Superior (2019) pela Faculdade de Educação São Luís. Mestre em Urbanismo pelo PROURB, FAU, Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008), com intercâmbio para Universidad de Belgrano (Buenos Aires, Argentina, 2007), pelo Projeto Alfa. Mestre (2007), Doutor (2012) e Pós-doutor (2015) em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pós-Doutor em Matemática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora (PROAC/UFJF), do Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP/UFJF) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFJF).

Graduated in Architecture and Urbanism (2005) and a specialist in Fashion, Fashion Culture and Art (2015) from the Federal University of Juiz de Fora. Specialist in Teaching in Higher Education (2019) from the São Luís Education Faculty. Master's degree in Urbanism from PROURB, FAU, Federal University of Rio de Janeiro (2008), with an exchange for the Universidad de Belgrano (Buenos Aires, Argentina, 2007), by Alpha Project. MSc (2007), DSc (2012) and Post-doctor (2015) in Design at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro. Post-Doctorate in Mathematics from the Federal Technological University of Paraná. Associate Professor at the Faculty of Architecture and Urbanism at the Federal University of Juiz de

Fora. Permanent Professor of the Graduate Program in Built Environment at the Federal University of Juiz de Fora (PROAC/UFJF), the Professional Graduate Program in Management and Evaluation of Public Education (PPGP/UFJF) and the Graduate Program in Communication (PPGCOM/UFJF).

frederico.braida@arquitetura.ufjf.br

Antonio Colchete Filho

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/UFRJ, 1992), especializações em Planejamento e uso do solo urbano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ, 1993) e em Sociologia urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IFCH/UERJ, 1995), mestrado em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB/UFRJ, 1997), doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ, 2003) com intercâmbio na Facultad de Bellas Artes da Universidad Politécnica de Valencia, Espanha (FBBA/UPV, 2000), pós-doutorado em Arquitetura pela Universidade Técnica de Lisboa, Portugal (FA/UTL, 2005), pós-doutorados seniores em Urbanismo (PROURB/UFRJ, 2013) e em Paisagismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (MPAP/UFRJ, 2018). Atualmente é professor Titular da graduação em Arquitetura e Urbanismo e professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora (PROAC/UFJF, desde 2010) e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP/UFJF, desde 2018).

Graduated in Architecture and Urbanism from the Federal University of Rio de Janeiro (FAU/UFRJ, 1992), specializations in Planning and Urban Land Use from the Federal University of Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ, 1993) and in Urban Sociology from the State University from Rio de Janeiro (IFCH/UERJ, 1995), master's degree in Urbanism from the Federal University of Rio de Janeiro (PROURB/UFRJ, 1997), a doctorate in Social Sciences from the State University of Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ, 2003) with an exchange at the Facultad de Bellas Artes at the Universidad Politécnica de Valencia, Spain (FBBA/UPV, 2000), post-doctorate in Architecture at the Technical University of Lisbon, Portugal (FA/UTL, 2005), senior post-doc in Urbanism (PROURB/ UFRJ, 2013) and in Landscaping by the Federal University of Rio de Janeiro (MPAP/UFRJ, 2018). He is currently a Full Professor of Architecture and Urban Planning and Permanent Professor of the Graduate Program in Built Environment at the Federal University of Juiz de Fora (PROAC/UFJF, since 2010) and the Professional Graduate Program in Management and Evaluation of Public Education (PPGP/UFJF, since 2018).

arqfilho2@lwmail.com.br

Resumo

A vida nas cidades é uma experiência diversificada que inclui interpretações próprias dos indivíduos sobre cada lugar e sobre os diferentes acontecimentos urbanos oriundos de distintas épocas. A história de uma cidade fica particularmente marcada na paisagem, na arquitetura e nos espaços públicos. Investigar os atributos históricos de elementos que fazem parte da paisagem urbana é uma forma de aproximar o campo da arquitetura dos fatos sociais que constroem a vida cultural permeada por imagens. Este artigo aborda o tema da imaginária urbana, adotada como signo, como marca da ação humana sobre o espaço, que pode ser exemplificada por meio de uma série de elementos urbanos, tais como bustos, chafarizes, esculturas etc. Assim, formula-se a seguinte questão: como a história de uma cidade pode ser contada a partir de sua imaginária urbana, formada por um conjunto de elementos tão diversificados presentes nos espaços públicos? Ou, de forma mais específica, interroga-se: como determinados exemplos de imaginária urbana, presentes na paisagem contemporânea da cidade de Juiz de Fora (Minas Gerais), articulam-se com sua história urbana? O principal objetivo, portanto, é apresentar uma leitura da cidade de Juiz de Fora a partir de exemplares significativos, que atravessam três períodos históricos: (1) o eclético; (2) o moderno; e (3) o contemporâneo. Do ponto de vista metodológico, este artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa, de cunho histórico e exploratório. Levando-se em consideração as fontes de coleta de dados, trata-se tanto de uma pesquisa bibliográfica e documental, quanto de uma pesquisa empírica, pois, além da revisão de literatura e da consulta a documentos, foi realizada uma pesquisa de campo, para o levantamento e o registro do acervo artístico que compõe o escopo da pesquisa. Ao final, tem-se como resultado o reforço à ideia de que esse conjunto de elementos presentes nos espaços públicos das cidades, nomeados como imaginária urbana, expressa significados que ampliam as possibilidades de compreensão da vida social e urbana, instituindo-se como um referencial teórico-metodológico valioso para o entendimento do espaço urbano.

Palavras-chave: Monumentos, Mobiliário urbano, Imaginária urbana, Juiz de Fora/MG.

Abstract

Life in cities is a diverse experience that includes the individual's own interpretations of each place and the different urban events coming from different eras as well. The history of a city is particularly marked in its landscape, architecture and public spaces. To investigate the historical attributes of elements that are part of the urban landscape is a way to bring the field of architecture closer to the social facts that build the cultural life permeated with images. This article approaches the theme of urban imaginary, adopted as a sign, as a mark of human action on space that can be exemplified through a series of urban elements such as busts, fountains, sculptures, etc. It begins with the following question: how can the history of a city be told from its urban imaginary, formed by such a diverse set of elements present in public spaces? Or, more specifically, do you wonder how certain examples of urban imaginary, present in the contemporary landscape of the city of Juiz de Fora (in Minas Gerais), articulate with its urban history? The main objective here is to present a reading of the city of Juiz de Fora from significant examples, which passes through three periods of historical relevance: (1) the eclectic; (2) the modern; and (3) the contemporary. From the methodological point of view, this article is the result of qualitative, historical and exploratory research. Considering the sources of data collection, this is both bibliographic and documentary research as empirical research, because, in addition to reviewing literature and consulting documents, field research was conducted for the survey and registration of the artistic collection that composes the scope of the research. In the end, it is expected to reinforce the idea that this set of elements present in the public spaces of the cities, named as urban imaginary, expresses meanings that expands the possibilities of understanding social and urban life, establishing itself as a valuable theoretical-methodological referential for the understanding of urban space.

Keywords: Monuments, Urban Furniture, Urban imaginary, Juiz de Fora/MG.

Resumen

La vida en las ciudades es una experiencia diversificada que incluye interpretaciones individuales de cada lugar y diferentes eventos urbanos de diferentes épocas. La historia de una ciudad está particularmente marcada en su paisaje, arquitectura y espacios públicos. Investigar los atributos históricos de los elementos que forman parte del paisaje urbano es una forma de acercar el campo de la arquitectura a los hechos sociales que construyen la vida cultural impregnada de imágenes. Este artículo aborda la temática del imaginario urbano, adoptado como signo, como marca de la acción humana en el espacio, que puede ejemplificarse a través de una serie de elementos urbanos, como bustos, fuentes, esculturas, etc. Así, se formula la siguiente pregunta: ¿cómo se puede contar la historia de una ciudad desde su imaginario urbano, formado por un conjunto de elementos tan diversos presentes en los espacios públicos? O, más concretamente, la pregunta es: ¿cómo se articulan ciertos ejemplos de imaginería urbana, presentes en el paisaje contemporáneo de la ciudad de Juiz de Fora (Minas Gerais), con su historia urbana? El principal objetivo, por tanto, es presentar una lectura de la ciudad de Juiz de Fora a partir de ejemplos significativos, que atraviesan tres períodos históricos: (1) el ecléctico; (2) lo moderno; y (3) lo contemporáneo. Desde el punto de vista metodológico, este artículo es el resultado de una investigación cualitativa, histórica y exploratoria. Teniendo en cuenta las fuentes de recolección de datos, se trata de una investigación tanto bibliográfica como documental, así como una investigación empírica, pues además de la revisión de la literatura y consulta de documentos, se realizó una investigación de campo para el relevamiento y registro de la colección artística que conforma el ámbito de la investigación. Al final, el resultado es el refuerzo de la idea de que este conjunto de elementos presentes en los espacios públicos de las ciudades, denominados como imaginario urbano, expresa significados que amplían las posibilidades de comprensión de la vida social y urbana, estableciéndose como un referente teórico-metodológico valioso para la comprensión del espacio urbano.

Palabras clave: Monumentos, Mobiliario urbano, Imaginario urbano, Juiz de Fora / MG.

Introdução

O espaço público é um legítimo reflexo de uma sociedade e de sua história. Embora fragmentado, o espaço público reflete tanto as ações que se realizaram no passado, quanto aquelas que se dão no presente. Portanto, a forma da cidade contemporânea é marcada pela sua história (CORRÊA, 2002) e pela sobreposição de camadas históricas de produção humana, seja de especialistas, como arquitetos, urbanistas, designers, artistas e engenheiros, seja da população de um modo geral. Colchete Filho (2003) destaca que, desde as primeiras civilizações, os seres humanos inseriram elementos voltados para a singularização do espaço coletivo, quase sempre relacionados à religiosidade e ao culto, como necessidade de representação de suas crenças. Logo, a cidade é um lugar simbólico, um espaço comunicativo, e, sobretudo, é um signo (FERRARA, 2002).

Também se pode afirmar que o espaço público, além de fragmentado, é articulado, reflexo de condicionantes sociais, repleto de símbolos e campo de lutas; um produto social, resultado de ações acumuladas no tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem os espaços em diferentes níveis. As cidades são, portanto, muito mais do que o espaço físico, pois elas também se constituem através de uma dimensão imaginária (SILVA, 2001; LYNCH, 2011). É exatamente sobre essa dimensão que atuam os arquitetos, os urbanistas, os designers e os artistas.

Sobre o espaço público, atuam agentes sociais concretos, e não um mercado invisível que promove intervenções aleatórias em um espaço abstrato. Esses agentes sociais da produção do espaço são, por exemplo, os fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os diferentes grupos sociais, como acentua Corrêa (2002). As relações entre as ações e os conflitos desses agentes sociais do espaço e os seus produtos tornam o espaço revelador de significados ligados às suas temporalidades.

A partir de suas ações, os cidadãos constroem suas identidades com a cidade, formando-se um verdadeiro “território simbólico” de representações. Por consequência, “uma cidade tem muitos sentidos” e é através da atribuição de significado e da demarcação simbólica desses objetos – sejam eles monumentos, marcos, esculturas, estátuas, ou seja, artes públicas em geral – que se realiza a construção social dos sentidos da cidade (KRAUSS, 1996). É por isso que Ferrara (2002, p. 7) afirma que o

design em espaços é, portanto, uma realidade tanto fenomênica como epistemológica. Ou seja, é flagrado concretamente nas manifestações sógnicas, nas marcas passíveis de serem percebidas e lidas no espaço, ao mesmo tempo em que as correlações interpretativas desses signos acabam por gerar um conhecimento do espaço enquanto objeto que tem no design sua dimensão representativa.

Diante desse contexto, este artigo parte da seguinte questão: como a história de uma cidade pode ser contada através de elementos urbanos (artísticos ou funcionais) que operam na dimensão da chamada imaginária urbana? De forma mais específica, pergunta-se como essa imaginária urbana presente na paisagem contemporânea da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, pode contar parte de sua história?

Do ponto de vista metodológico, este artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa, de cunho histórico e exploratório. Levando-se em consideração as fontes de coleta de dados, trata-se tanto de uma pesquisa bibliográfica e documental, quanto de uma pesquisa empírica, pois, além da revisão de literatura e consulta a documentos, foi realizada uma pesquisa de campo, para o levantamento e o registro do acervo artístico que compõe o escopo da pesquisa.

Pode-se afirmar que o objeto de investigação é a imaginária urbana (KNAUSS, 1998; COLCHETE FILHO, 2003), adotada como signo (PEIRCE, 1977), como marca de ação e produção humana sobre o espaço em determinados tempos. A cidade de Juiz de Fora foi tomada como recorte espacial da investigação e o recorte temporal se estende desde 1894 até a contemporaneidade.

De acordo com Ferrara (2000, p. 23), “a cidade concreta exige ser tornada empírica por meio de um método próprio que se transforma conforme os ângulos pelos quais a cidade é enfocada”. Logo, metodologicamente, neste artigo, a cidade de Juiz de Fora foi enfocada a partir do olhar sobre o espaço, não somente físico, mas também simbólico (ECO, 1971), da realidade sógnica da imaginária urbana. Trata-se de uma pesquisa de cunho multidisciplinar e transversal, que encontra um lastro teórico em diferentes autores que tecem articulações entre arquitetura e urbanismo, artes e design, história, comunicação e semiótica, dentre os quais, pode-se citar, por exemplo, Pignatari (2004).

Deve-se destacar que Juiz de Fora é uma cidade mineira, de porte médio, com uma população aproximada de 600 mil habitantes, localizada entre Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. A cidade fomenta um grande fluxo de pessoas, uma vez que se caracteriza pela vocação estudantil e terciária, cujo Centro é marcado pela presença das galerias comerciais (BRAIDA, 2012) e dos calçadões de pedestres (FONSECA; COLCHETE FILHO, 2016). Hoje em dia, a cidade figura como polo regional da Zona da Mata mineira.

A cidade passou por três períodos históricos significativos para sua formação. O primeiro, no início do século XVIII, quando denominada de “Caminho Novo” (LAGE; ESTEVES, 2008). O segundo, do início do século XIX até 1930, retrata o período de expansão cafeeira, destacando-se como uma importante região de produção e, segundo Oliveira (1966), pela construção da Estrada do Paraibuna, que deu início à formação do núcleo urbano. O terceiro, por sua vez, se configura como o momento da industrialização (final do século XIX), sendo marcado pela construção da Estrada União Indústria, idealizada pelo então comendador Mariano Procópio.

Em cada um desses períodos, a cidade foi sendo marcada com signos, os quais caracterizam-se como representações e, atualmente, contribuem para a conformação de um repertório de imagens que se vinculam à memória urbana. Esses signos são compostos pelo mobiliário urbano, pelos monumentos, pelas inscrições nos espaços, enfim, pelo que pode ser chamado como imaginária urbana. Nas palavras de Knauss (1998, p. 45), “define-se o universo particular da imaginária urbana como o conjunto das imagens da cidade, que encontram suportes materiais em objetos identificados como o espaço público da cidade”. Assim, destaca-se, neste artigo, os elementos urbanos que podem ser compreendidos como imaginária urbana pelo valor simbólico que confere a eles uma forte conexão com a identidade da cidade mineira.

Por conseguinte, o principal objetivo deste artigo é apresentar uma leitura da cidade de Juiz de Fora, a partir de exemplares diversos de elementos urbanos compreendidos como imaginária urbana da cidade, os quais atravessam três períodos históricos: (1) o eclético; (2) o moderno; e (3) o contemporâneo. Esse acervo, de representações e simbolismos, materializado no espaço da cidade, de um ponto de vista específico, revela as singularidades de Juiz de Fora e, de um ponto de vista geral, contribui para ratificar a leitura da cidade por meio de seus elementos urbanos, como estratégia metodológica de interpretação e produção de conhecimento sobre os espaços e sobre as suas camadas históricas, simbólicas e comunicativas. Afinal, de acordo com Ferrara (2002, p. 16), os “signos qualificam a cidade através da imagem e do imaginário como construtores dos significados urbanos”, tendo em vista que o imaginário mobiliza e evoca as imagens, utilizando o simbólico para exprimir-se e existir (LACAN, 2005; LAPLANTINE; TRINDADE, 2017; CASTORIADIS, 1982).

As cidades e seus elementos: entre o simb3lico, o funcional e o cotidiano

Para Borja e Mux3 (2000), a hist3ria da cidade 3 a pr3pria hist3ria de seus espaços p3blicos; 3 por meio do espaço p3blico que a cidade se mostra vis3vel, porque, nele, s3o representadas as relaço3es sociais e materializadas as relaço3es de poder. Embora diversos elementos conformem o sistema de uma cidade, o espaço p3blico revela-se como o principal elemento do urbanismo, da cultura urbana e da cidadania.

A cidade, sendo o resultado do trabalho coletivo de diferentes estratos da populaço3, apresenta profundo significado simb3lico para seus habitantes e visitantes. Segundo Argan (1995), a cidade pode ser entendida como obra de arte, uma vez que representa as intenço3es, as aço3es e as frustraço3es dos seus habitantes no decorrer do tempo, sobrepondo diversas camadas temporais, contando com variados suportes e tipos de linguagem.

Para Maderuelo (1994), cada vez mais artistas e arquitetos intencionam tratar a cidade como “uma estrutura codificada, que produz, acomoda e reflete significados sociais e hist3ricos”, onde o marco 3 o espaço aberto e o p3blico 3 o geral, n3o s3o o dos museus, requerendo, para as obras que produzem, a categoria de “arte p3blica”. Na cidade, a obra de arte p3blica confere, ao contexto, um significado est3tico, social, comunicativo e funcional (JEUDY, 2005).

As mudanças pelas quais a cidade passa faz com que criemos mem3rias e imagens sobre ela, havendo uma correlaço3o direta entre as principais experi3ncias de uso do espaço p3blico e os in3meros exemplos de elementos urbanos. A utilizaço3o do termo elementos urbanos para nos referirmos aos objetos que se instalam nas ruas e parques das cidades 3 o mais indicado, segundo Creus (1996), pois o termo mobili3rio urbano est3 impregnado da ideia de mobiliar ou decorar, o que n3o corresponde 3s complexidades contempor3neas. Mas, dado o uso corrente de cada termo, optamos por nos referir aos elementos urbanos presentes na cidade tamb3m como mobili3rio urbano, monumentos ou arte p3blica, uma vez que a força de cada um desses termos atesta a complexidade e a extens3o te3rica que possuem.

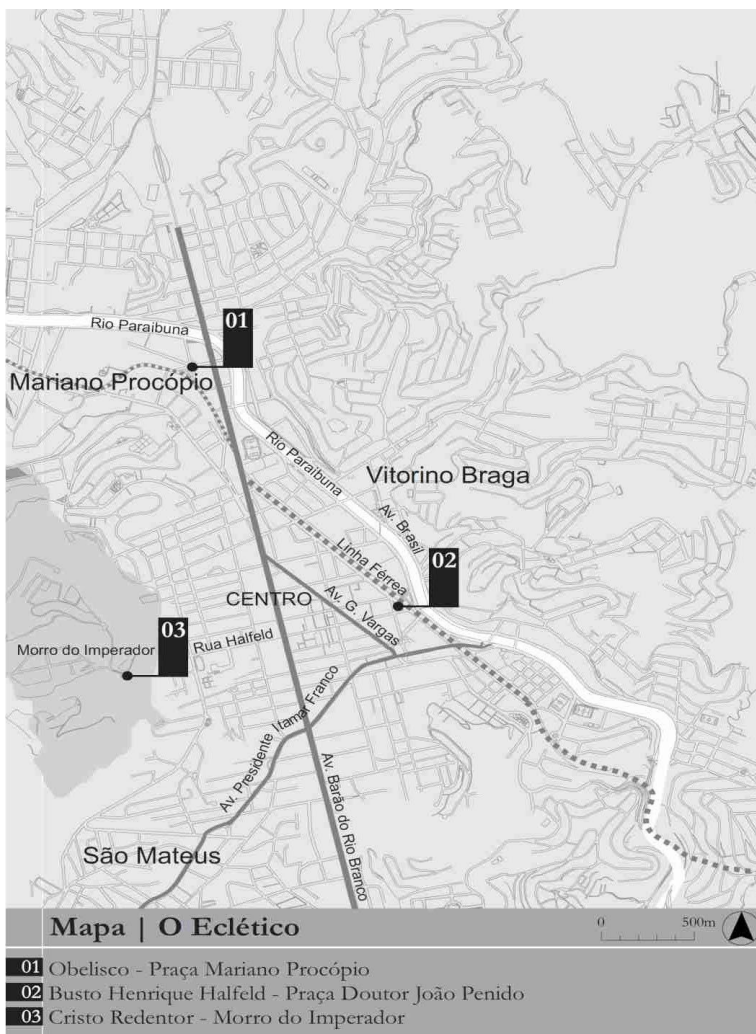
Cabe destacar que, sem d3vida, esse conjunto variado de elementos inseridos no espaço p3blico urbano d3o complexidade 3s cidades, pois, para al3m do aspecto pragm3tico e funcional, como no caso do mobili3rio urbano, tamb3m se apresentam as dimens3es emocional, est3tica e sens3vel. Assim, verifica-se que muitas das experi3ncias de uso simb3lico no espaço p3blico das cidades podem se materializar por meio de exemplos de monumentos, arte p3blica e elementos urbanos, extrapolando a sua import3ncia no contexto urbano, como as cabines telef3nicas de Londres, a est3tua da Liberdade em Nova York, o Cristo Redentor no Rio de Janeiro ou um simples poste de iluminaço3o p3blica, em uma rua deserta qualquer.

Cada um desses elementos pode evidenciar um car3ter simb3lico, que alimenta a relaço3o est3tica e emocional que temos com a cidade. Essa relaço3o 3 constru3da sistematicamente pelos agentes que influenciam, financiam e interagem com as intervenço3es no espaço urbano. Colchete Filho (2003) e Knauss (1998) defendem que a imagem da cidade tamb3m pode ser nomeada, por extens3o, pelo termo “imagin3ria urbana”. Para os autores, a imagin3ria urbana de uma cidade 3 constitu3da por diversos elementos de forte pregn3ncia e import3ncia para a cidade, para a sua paisagem e, principalmente, para a populaço3o – isto 3, para tudo aquilo que contribui fortemente para a construço3o da identidade e da mem3ria urbanas.

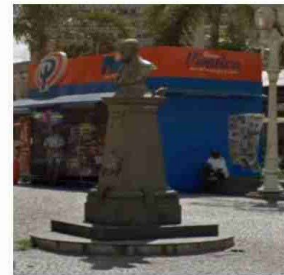
Reiterada a relev3ncia do espaço p3blico e da paisagem no 3mbito simb3lico, certamente que h3 de se destacar o interesse, na mesma medida, na exploraço comercial desses elementos urbanos, que, por oferecerem uma infinidade de possibilidades de inscriço no espaço, na paisagem e na mem3ria, s3o motivo de disputa de atenço por diferentes agentes, desde a gest3o p3blica, 3s empresas privadas, mas tamb3m pela pr3pria populaço, que se apropria da cidade de maneiras diversas no curso da hist3ria. Nesse sentido, a cidade contempor3nea 3 fruto da aço de variados agentes que, de maneira complexa e distinta, provocam constantemente um processo simb3lico de reorganizaço espacial, atrav3s desses signos.

Ao se olhar para o caso espec3fico de Juiz de Fora, a imagin3ria urbana que se destaca na cidade pode ser compreendida a partir de tr3s recortes hist3ricos: (1) o ecl3tico, composto por obeliscos, bustos e monumentos; (2) o moderno, identificado por pain3is e marcos; e, por fim, (3) o contempor3neo, mais difuso, marcado por intervenço complexas e h3bridas, tanto no mobili3rio urbano, quanto na arte p3blica.

O ecl3tico: obelisco, bustos e monumentos



01



02



03

FIGURA 1 - Mapa com a localizaço dos elementos urbanos: obelisco, busto e monumento.

Fonte: Imagem do autor.

Os reflexos da estética e da visão de mundo europeias foram influências poderosas para o projeto da paisagem e dos espaços públicos de Juiz de Fora, no final do século XIX e início do século XX (OLIVEIRA, 1966), incorporando estratégias como “ajardinamento inglês” e o “*boulevard*” em sua morfologia, com a formalização de projetos elaborados por técnicos estrangeiros. Assim, Juiz de Fora primava pelos mesmos ideais e parâmetros de modernidade dos grandes centros – principalmente, os que buscavam uma paisagem de inspiração internacional.

Desde o final do século XIX, durante o início da conformação da cidade, observa-se a construção de monumentos, a fim de iniciar a constituição de uma identidade para a cidade. Segundo Oliveira (1966), um obelisco foi o primeiro monumento da cidade, erguido em 1894, no Largo da Alfândega (atual praça Antônio Carlos), para marcar o início das obras de saneamento na cidade, durante a administração municipal de Francisco Bernardino.

Entretanto, a instalação desse elemento gerou insatisfação e crítica por parte da administração municipal posterior, de João Penido Filho, culminando na transferência do monumento para a região próxima ao Largo do Riachuelo, por volta de 1916. O obelisco não durou muito naquela região e, em 1943, foi removido e guardado no Almoxarifado da Prefeitura para, em virtude das críticas da imprensa, ser devolvido à cidade, em 8 de novembro de 1947, na praça Mariano Procópio, lugar onde permanece até hoje (MATTOS, 1950).

A fim de homenagear os principais fundadores da cidade, em 1886, surgiram as intenções em se criar um monumento em homenagem a Henrique Halfeld, 12 anos após seu falecimento, através de subscrição pública com o objetivo de confeccionar um busto em bronze do homenageado (LESSA, 1985). Mas essa homenagem só ocorreu, de fato, no dia 25 de dezembro de 1907, quando o monumento foi instalado na praça Doutor João Penido (MATTOS, 1950).

Outro elemento de referido destaque em Juiz de Fora, e mais antigo, é o monumento ao Cristo Redentor, pioneiro no Brasil e instalado no Morro do Imperador, em 1905, já identificado como uma das imagens que representam a cidade. O monumento foi o insumo para um universo que então se descortinava, o da inserção de esculturas na cidade.

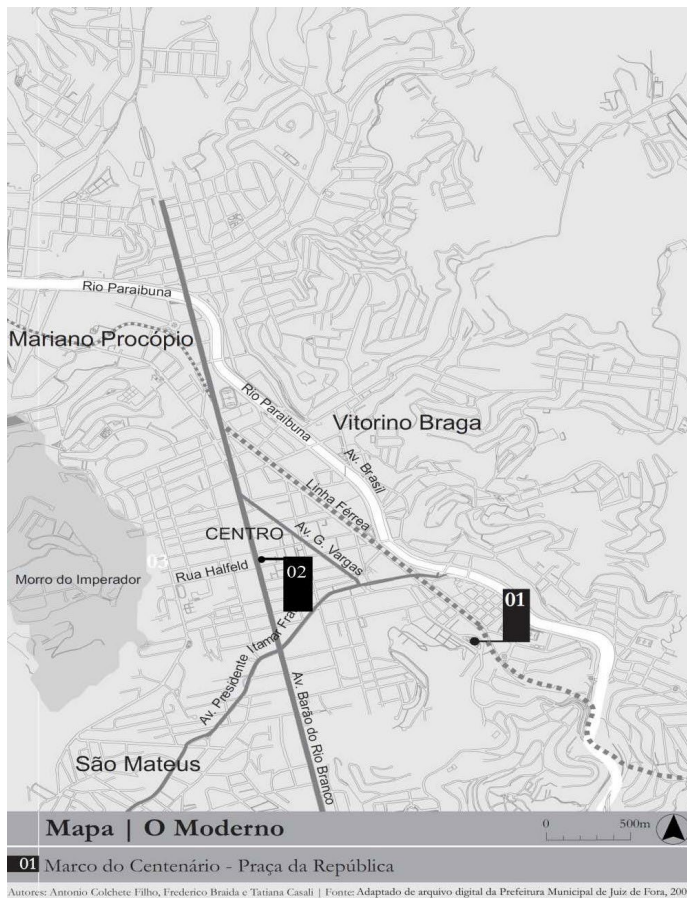
Compreender o início da vivência religiosa em Juiz de Fora é fundamental para se entender o sentido cristão que existia na sociedade juiz-forana no momento da edificação do monumento ao Cristo Redentor. De acordo com Pereira (2006), o catolicismo que encontramos na região da Zona da Mata tem suas raízes nas práticas religiosas trazidas para o Brasil por meio dos colonizadores portugueses. Para tanto, em Juiz de Fora, encontramos, desde o início de seu povoamento, as manifestações de devoção aos santos, da presença das irmandades, das romarias, da ereção de cruzeiros, das benzedeadas, entre outras práticas recorrentes à época.

A ideia de se construir uma imagem do Cristo Redentor no alto do morro foi obra de Francisco Batista de Oliveira, para celebrar as comemorações da passagem do século XIX para o XX. O monumento é o marco de maior relevância no contexto da área central de Juiz de Fora. Situado em uma região privilegiada, pode ser contemplado por diversas regiões da cidade (PEREIRA, 2006), além de ser um monumento pioneiro, antecedente ao famoso Cristo Redentor no Rio de Janeiro, inaugurado somente em 1931.

Representantes de um período histórico repleto de ideologias políticas e religiosas, os exemplos desse período se mantêm atualizados na cidade, pelo menos parcialmente. Certamente, o Cristo de Juiz de Fora é uma presença marcante, que observa e se deixa observar do alto da montanha e dos eixos das principais ruas de pedestres do Centro

da cidade. Ir at3 l3 3 uma experi3ncia urbana significativa, como j3 foi para D. Pedro II, que esteve presente na inauguraç3o do monumento. J3 o busto e o obelisco, nem tanto. Parecem contemporaneamente fadados a certo desconhecimento, que faz com que permaneçam menos vis3veis para boa parte da populaç3o. Talvez a maior homenagem a Halfeld seja a rua que leva seu sobrenome, marca indel3vel de suas realizaç3es urbanas.

O moderno: marcos e pain3is



01



02

FIGURA 2 – Mapa com a localizaç3o dos elementos urbanos: marcos e pain3is.

Fonte: Imagem do autor..

A fim de colocar Juiz de Fora no mesmo patamar de Belo Horizonte, que havia construído o Complexo da Pampulha alguns anos antes, iniciou-se, em Juiz de Fora, um processo, importante para a cidade, de serem levadas obras de arte para o espaço p3blico. Assim, em 1950, durante a administraç3o de Dilermando Cruz, a C3mara Municipal sancionou a construç3o do Marco do Centen3rio da cidade, edificado na praça da Rep3blica. O Marco, de “valor sem3ntico gest3ltico” (VIEIRA, 2006, p. 108), foi projetado por Arthur Arcuri no ano anterior, em comemoraç3o ao primeiro centen3rio de Juiz de Fora (OLENDER, 2011). Segundo Viana (2017), na publicaç3o de 25 de março de 1950, o Di3rio Mercantil descrevia a visita de Oscar Niemeyer em uma das reuni3es da C3mara, defendendo a construç3o do monumento idealizado por Arthur Arcuri.

Ainda segundo o autor, o Marco do Centenário foi o primeiro monumento modernista construído em praça pública com pastilhas de vidro (VIANA, 2017, p. 120). Tal fato pode ser comprovado por uma publicação, datada de novembro de 1950, do *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro, que afirma que “o marco com o mosaico modernista de Di Cavalcanti será, na praça ingênua em que se levanta, mais do que uma simples comemoração, um ponto de partida para novos empreendimentos na linha inovadora da estética moderna” (VIANA, 2017, p. 120).

Em sua concepção, buscavam-se ideias inovadoras, ousadas e até futuristas para uma cidade em franco crescimento e que via, no monumento, um cartão postal para seus visitantes, já que apresentava localização estratégica, às margens da estrada União e Indústria, na época, a principal entrada da cidade. O monumento foi construído através da materialização de uma parede simples, em alvenaria de tijolos sobre baldrame de concreto armado triangular em ascensão (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 1996).

O próprio Arcuri, idealizador do Marco do Centenário, descreveu de forma poética a função e a intenção da sua obra: “como uma pirâmide, um avião ou ponte pênsil, a forma própria e vital dessa parede constitui em si um elemento plástico de valor estético e emocional e, atende assim, à sua função: perpetuar a memória dum acontecimento significativo para nossa cidade” (ARCURI, 1952, p. 59).

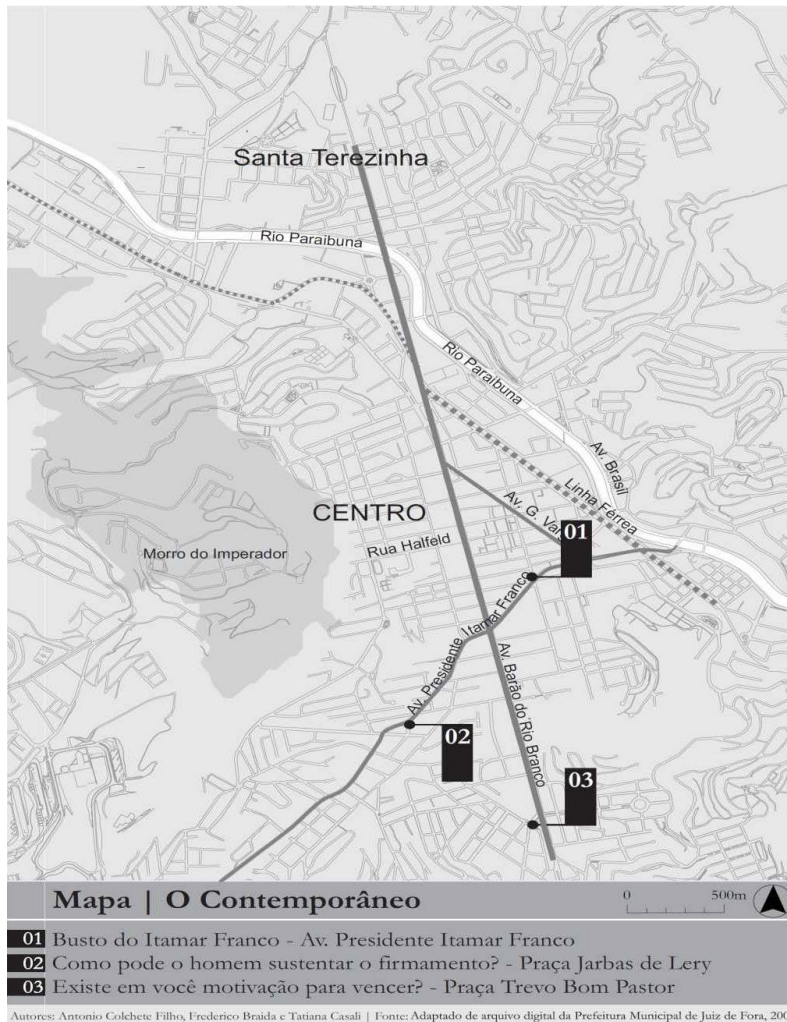
Com relação ao mosaico “simbólico-figurativo” de Di Cavalcanti, ele é composto por três homens, que representam os fundadores da cidade (BARROS, 1997), ou também as três raças, de acordo com o Memorial elaborado pelo Programa de Estudos e Revitalização da Memória Arquitetônica e Artística (PERMEAR). A proposta para o mosaico reflete diretamente o momento criativo vivido pelo seu idealizador.

O Marco do Centenário em Juiz de Fora inaugurou uma nova fase de trabalho de Di Cavalcanti, que começou a utilizar “formas ziguezagueantes e angulares, circundadas por outras geométricas irregulares, interessando-se pelo predomínio monocromático, com atenção para os tons azuláceos em contraste com cores quentes” (LOURENÇO, 1995).

Na cidade, cabe ainda destacar, há o painel “As quatro estações”, produzido por Cândido Portinari, com a colaboração dos especialistas em mosaicos José Moraes e Paulo Fonseca. O painel data de 1956 e mede 4,48m de altura por 7,95 de largura. Ele compõe a fachada do Edifício Clube de Juiz de Fora – projeto de Francisco Bolonha, localizado em uma das esquinas mais movimentadas da cidade – a avenida Barão do Rio Branco e o calçadão da rua Halfeld. Em outra fachada do mesmo prédio, há outro mosaico – na figura de um cavalo – que forma um conjunto de pequenos murais. Os painéis são considerados marcos do período moderno não só na cidade, mas em todo o país. Seus tons em azul e branco são característicos da obra, que foi executada artesanalmente em fábrica da própria cidade (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 1996).

Esse painel foi recentemente restaurado e protegido com um pano de vidro temperado, uma vez que é de fácil acesso ao pedestre. Já o Marco do Centenário desperta menos atenção: à espera de uma restauração, está protegido parcialmente por um tapume metálico; já invadido por moradores de ruas, representa uma nova imagem da cidade, menos nobre e mais dolorosa.

O contempor3neo: arte p3blica e mobili3rio urbano



01



02



03

FIGURA 3 - Mapa com a localizaç3o dos elementos urbanos: arte p3blica e mobili3rio urbano

Fonte: Imagem do autor..

Atualmente, a cidade de Juiz de Fora tem promovido, atrav3s da iniciativa p3blica e, tamb3m, privada, algumas intervenç3es nos seus espaços p3blicos, para reaproximar os diversos setores da sociedade a lugares que s3o comuns a todos, sejam ruas, avenidas, praças, parques e at3 mesmo fachadas e muros das edificaç3es, intensificando a aç3o sobre variados espaços da cidade, realizando intervenç3es que tentam minimizar o distanciamento atual entre as pessoas e os espaços p3blicos. Assim, com o dinamismo da cidade contempor3nea, nota-se que 3 cada vez mais comum a inserç3o de elementos com conotaç3es art3sticas nos espaços p3blicos.

De acordo com Sans3o (2014), como forma de express3o recente (pr3tica que se difundiu internacionalmente a partir dos anos 1980), a arte p3blica persegue tanto novas formas de interaç3o com o usu3rio, quanto de di3logo com o espaço p3blico, residindo a3 a sua atualidade. B3ttner (2002) acredita que a arte pode exercer importante papel no cotidiano. Segundo a autora, para assumir uma funç3o p3blica,

a arte deve ter como princ3pio b3sico e indispens3vel criar obras art3sticas “com e para” um determinado lugar, enfatizando o confronto com o contexto, descobrindo, destacando e valorizando temas e lugares.

Atualmente, a arte p3blica ganha espa3o com muitas produ33es de car3ter ef3mero e atrav3s de releituras de obras de arte em geral. Produ33es com esse sentido foram realizadas em Juiz de Fora e demandaram a encomenda de esculturas do artista Adauto Venturi – artista pl3stico juiz-forano que se formou em 1982, no curso de Desenho e Pl3stica, na Universidade Federal de Juiz de Fora. Sua obra visa reaproximar usu3rios e espa3o p3blico, por meio de um trabalho que desperta aten33o, que humaniza o lugar, e que 3 entendida como produto para a coletividade. Dentre a diversidade de t3cnicas e materiais empregados em suas obras, destaca-se a *frottage* (m3todo que o artista utiliza uma ferramenta de desenho e faz uma “fric33o” sobre uma superf3cie texturizada), na qual registra mem3rias de imagens de relevos da arquitetura urbana, trazendo estas imagens para outro contexto, sob um novo plano de vis3o (VENTURI, 2020).

Dentre as obras do artista Adauto Venturi, destaca-se o “Desnudamento de 3cones”. Trata-se de um conjunto de seis esculturas de escala urbana inseridas em espa3os p3blicos variados da cidade de Juiz de Fora, como mostra o quadro abaixo:

QUADRO 1 – Lista de obras que comp3em a cole33o “Desnudamento de 3cones”

Fonte: Elabora33o dos autores.

T3tulo da escultura	Inspira33o para a releitura
“Reden33o”	Obra em relevo “Escravo se libertando dos grilh3es da escravid3o”, localizado abaixo do busto de princesa Isabel, no parque do Museu Mariano Proc3pio.
“Como pode o homem sustentar o firmamento?”	Escultura grega “Atlas”, figura mitol3gica descrita como l3der dos Tit3s, que, em fun33o de uma competi33o com Zeus, foi condenado a sustentar o c3u com sua cabe3a e seus bra3os.
“Existe em voc3 a motiva33o para vencer?”	Escultura que representa a deusa grega Nice, criada aproximadamente em 200 a. C. para comemorar a vit3ria da batalha naval de Rhodes, na ilha de Chipre.
“Que movimento voc3 faria em torno deste nome?”	Obra “Abaporu”, da artista modernista Tarsila do Amaral.
“Vitruviano por Venturi”	Desenho que representa o corpo humano em duas posi33es sobrepostas e inscritas, simultaneamente, em um quadrado e um c3rculo; do artista italiano de Leonardo da Vinci.
“Desconstruindo Pedro Am3rico”	Obra “T3radentes supliciado”, de 1893, de Pedro Am3rico, localizada no Museu Mariano Proc3pio.

Para al3m de esculturas art3sticas, nas ruas, avenidas e pra3as de Juiz de Fora est3o implantados, tamb3m, diversos exemplares de mobili3rio urbano, dentre eles postes, bancas de jornal, frades, canteiros, lixeiras, bancos, golas de 3rvores, entre outros, que foram sendo adicionados, muitas vezes, sem um estudo pr3vio do impacto na paisagem urbana. Ressalta-se que a implanta33o de mobili3rios urbanos nos espa3os p3blicos 3 tema complexo, dada a diversidade de elementos e situa33es em que s3o inseridos, e que pode envolver quest3es de preserva33o do patrim3nio municipal. Na substitui33o dos postes de dois cal3ad3es importantes de Juiz de Fora, por exemplo, das Ruas Halfeld e S3o Jo3o, houve a tentativa de reproduzir uma solu33o antiga n3o

mais existente, que provocou, na ocasião, diversas reações contrárias. É importante destacar que o posteamento adotado é absolutamente o mesmo existente no Centro da cidade de Curitiba, também produzido recentemente, sem que os órgãos de patrimônio (IPHAN, IEPHA e o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural/COMPPAC) fossem consultados. Outra questão importante são os abrigos de pontos de ônibus, que obstruem as visibilidades de logradouros e prédios protegidos, da Praça da Estação, a Estação Central propriamente dita, da sede do Diretório Central de Estudantes, situada nas esquinas da Rua Marechal Floriano e Avenida Getúlio Vargas, dentre outros tantos exemplos de situações análogas.

Outro mobiliário urbano que foi alvo de crítica da mídia e gerou insatisfação por parte da população foi o “marco de conclusão de obras da rede tronco-central e das adutoras de Retiro, Grama e Filgueiras”, inaugurado no dia 31 de maio de 2002 (CESAMA, 2002), o qual, desde a sua construção, ficou popularmente conhecido como “Chuveirão da CESAMA”. Atualmente, a escultura foi retirada em função da instalação do monumento em homenagem ao ex-presidente da República, Itamar Franco, que também foi prefeito da cidade durante dois períodos (1967-1970 e 1973-1974). A escultura de Itamar Franco é formada por busto sobre pedestal em granito e foi inaugurado no dia 6 de setembro de 2013. Esse busto, igualmente, não deixou de ser alvo de críticas, sobretudo em função do anacronismo.

Ao se olhar para o conjunto de elementos que incluem mobiliários urbanos e arte pública em Juiz de Fora, ressalta-se que os elementos inseridos na cidade durante o período estudado, de 1894 aos dias atuais, são importantes referências simbólicas, capazes de ajudar a contar a história da cidade a partir de suas práticas de intervenção nos espaços públicos. Os marcos históricos, políticos, culturais, dentre outros, foram materializados como registro da ação e produção humanas sobre o espaço. Assim, a arte pública interage de tal modo com a realidade da cidade e com os seus fluxos que, Juiz de Fora, como lugar da vida cotidiana, do coletivo, dos acontecimentos e temporalidades e da acumulação histórica, oferece reflexão estética ao converter-se em signos urbanos.

Considerações Finais

Após um olhar retrospectivo, cabe notar que muitas das principais experiências de uso simbólico no espaço público de Juiz de Fora se materializam por meio de exemplos de monumentos, arte pública e mobiliário urbano que foram e continuam sendo inseridos nos espaços públicos da cidade. Há exemplos de obras significativas que atravessam os períodos ecléticos, moderno e contemporâneo. Logo, os muitos elementos urbanos presentes em Juiz de Fora se caracterizam por um acervo que figura entre ser relevante e não apreciado, mas que, jamais, passa despercebido. Cada obra possui uma singularidade que faz da história urbana local única e, ao mesmo tempo, parecida com tantos outros lugares.

Isto posto, a atribuição de significados a esse conjunto diversificado de elementos permite que possam se inscrever não só na paisagem, mas na formação de referências para os cidadãos, o que se aproxima do conceito de imaginária urbana, como se quer destacar neste artigo. Muitos exemplos são queridos pela população, outros são motivos de saudades e alguns até são alvo de controvérsias, sobre o porquê de estarem no espaço público. Foi assim com o obelisco, que mudou de lugar pela insatisfação de personalidades ilustres à época, com o chamado “Chuveirão” ou com os postes que iluminavam o calçadão da rua Halfeld.

Nesse sentido, a importância que monumentos, esculturas e mobiliários adquirem como elementos repletos de significados e simbolismos para os lugares onde estão inseridos, com o passar do tempo, vão se transformando e se adaptando, acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade de cada época. Cabe notar que, ao longo do primeiro semestre de 2020, uma série de estátuas de personalidades da história existentes em cidades norte-americanas ou europeias, sobretudo, foram vistas como não mais adequadas para esse tempo, em virtude da história que evocam de sofrimento e exploração. É assim que os elementos urbanos, de caráter técnico ou artístico, são ressignificados constantemente, são vivos para os cidadãos, são emblemas de vários tempos, são imaginárias urbanas.

Afirma-se, portanto, na perspectiva teórico-metodológica adotada na pesquisa, que esse conjunto variado de elementos vai do mobiliário urbano, passando por esculturas e monumentos figurativos, pela arte pública e por manifestações artísticas temporárias, coadunando-se a expressões culturais de um lugar e de um tempo. A análise do conteúdo histórico de exemplos que estão cotidianamente inseridos nos espaços públicos das cidades muito tem a revelar sobre as relações sociais, culturais e identitárias que são formadoras, em última instância, da cultura urbana. Imaginária urbana e espaço público configuram-se como um binômio original e valioso para a compreensão das nossas cidades.

Em Juiz de Fora, além das intervenções que visam à instalação de elementos de caráter permanente, há, também, intervenções temporárias. Elas buscam interações com o cidadão que circula por espaços públicos da cidade, bastante movimentados, de preferência, no Centro. A intervenção "JF Foto 15", por exemplo, levou exposições fotográficas variadas, dispostas em forma de varal, para o principal calçadão da cidade, ao longo de dois finais de semana, em agosto de 2015. Os caminhos que se cruzam entre um acervo de caráter permanente e o temporário que se dá na cidade de Juiz de Fora indicam que a experimentação artística contemporânea, que tanto caracterizou a vanguarda da cidade desde o século XIX, faz crer que há muito a se explorar, no âmbito das relações entre espaço público, intervenção no espaço e imaginária urbana, as constantes ressignificações de imagens da cidade.

Agradecimentos

Os autores agradecem à CAPES, ao CNPq e à Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo financiamento das pesquisas desenvolvidas no núcleo de pesquisa *Ágora e*, em especial, pelo apoio à pesquisa "Mobiliário urbano: funções, repercussões e significados na contemporaneidade" (Bolsa de Produtividade – PQ/CNPq).

Referências

- ARCURI, Arthur. O problema da forma na arte do monumento. **Revista Arquitetura e Engenharia**, Belo Horizonte, IAB/MG, n. 23, p. 58-59, set.-out., 1952.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.
- BARROS, André Luiz. Uma relíquia modernista. **Jornal do Brasil**, 19 fev. 1997. Caderno B, p. 1.

BRAIDA, Frederico. **Passagens em rede**: a din3mica das galerias comerciais e dos cal3ad3es nos centros de Juiz de Fora e de Buenos Aires. Juiz de Fora: Editora UFJF; Funalfa, 2012.

BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. **El espacio publico**: ciudad y ciudadan3a. Barcelona: Editora Electa, 2000.

BÜTTNER, Claudia. Projetos art3sticos nos espa3os n3o-institucionais de hoje. In: V. M. PALLAMIN (org.). **Cidade e cultura**: esfera p3blica e transforma33o urbana. S3o Paulo: Estaa33o Liberdade, 2002. p. 73-102.

CASTORIADIS, Corn3lius. **A institui33o imagin3ria da sociedade**. S3o Paulo: Paz e Terra, 1982.

CESAMA inaugura marco simb3lico. **Di3rio Regional**, Juiz de Fora, 29 maio 2002, p. 5.

COLCHETE FILHO, Antonio Ferreira. **A pra3a XV como lugar central da cidade**: o projeto do espa3o p3blico atrav3s da imagin3ria urbana (1789,1894 e 1999). 2003. Tese (Doutorado em Ci3ncias Sociais) – Programa de P3s-gradua33o em Ci3ncias Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CORR3A, Roberto Lobato. **O espa3o urbano**. S3o Paulo: Ed. 3tica, 2002.

CREUS, M3rius Quintana. Espacios, muebles y elementos urbanos / spaces, furniture and urbanelements. In: SERRA, Josep Maria. **Elementos urbanos**: mobili3rio y microarquitectura / urbanelements: furnitureandmicroarchitecture. Barcelona: Gustavo Gili, 1996.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. S3o Paulo: Perspectiva, 1971.

FERRARA, Lucr3ssia D'Alessio. **Design em espa3os**. S3o Paulo: Edi333es Rosari, 2002.

FERRARA, Lucr3ssia D'Alessio. **Os significados urbanos**. S3o Paulo: Editora da Universidade de S3o Paulo: Fapesp, 2000.

FONSECA, F3bio; COLCHETE FILHO, Antonio. **A supremacia do pedestre**: os cal3ad3es e a qualidade urbana na 3rea central de Juiz de Fora. Juiz de Fora: FUNALFA, 2016.

IBGE. **Cidades e Estados**. Dispon3vel em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/juiz-de-fora.html>. Acesso em: 1 mar. 2020.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KNAUSS, Paulo. **Imagens urbanas e poder simb3lico**: esculturas e monumentos p3blicos nas cidades do Rio de Janeiro e Niter3i. 1998. Tese (Doutorado em Hist3ria) – Programa de P3s-gradua33o em Hist3ria, Universidade Federal Fluminense, Niter3i, 1998.

KRAUSS, Rosalind Epstein. **La originalidad de la Vanguardia y otros mitos modernos**. Madrid: Alianza Editora, 1996.

LACAN, Jacques. O simb3lico, o imagin3rio e o real. In: LACAN, Jacques. Nomes-do-pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 9-53.

LAGE, Oscar Vidal Barbosa; ESTEVES, Albino. (orgs.). **3lbum do munic3pio de Juiz de Fora**. 3. ed. Juiz de Fora: Funalfa Edi333es, 2008.

LAPLANTINE, Fran3ois; TRINDADE, Liana. **O que 3 imagin3rio**. Brasiliense: S3o Paulo, 2017.

LESSA, Jair. **Juiz de Fora e seus pioneiros (do Caminho Novo 3 Proclama33o)**. Juiz de Fora: UFJF; Fundaa33o Cultural Alfredo Ferreira Lage, 1985.

LOURENÇO, Maria Cecília. **Operários da modernidade**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1995.

LYNCH, Kevin. **marcas permanentes**: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convenio Andres Bello, 2001.

VENTURI, Aduino. **Sobre o artista**. 2020. Disponível em: <http://www.adautoventuri.com/sobre>. Acesso em: 15 jan. 2020.

VIANA, Fabrício. **Monumentos, esculturas e espaço público**: a imaginária urbana em Juiz de Fora – MG (1906-2016). 2017. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) – Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

VEIRA, Bernardo da S. **A comunhão das artes e da natureza**: as residências de Arthur Arcuri. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 01/06/2021

Aprovado em 11/10/2021